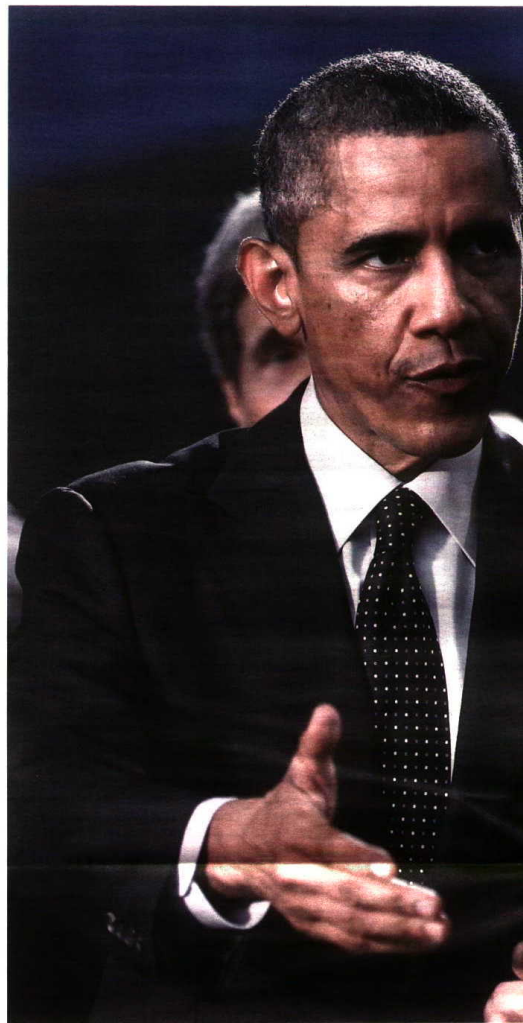


Cessar-fogo Acordo foi conseguido, mas rebeldes falam em separação. A Rússia quer continuar a influenciar o país. Mas porquê?

# Uma questão do espaço pós-soviético



## Acordo revela ascendente russo

Texto CÁTIA BRUNO

### OS ÚLTIMOS MESES NA UCRÂNIA

#### 16 MARÇO

Referendo na Crimeia decide integração na Federação Russa, com 97% dos votos a favor. Dois dias depois, Vladimir Putin assina a anexação da região.

#### 22 ABRIL

O Presidente ucraniano interino, Oleksander Turchynov, ordena operações militares contra os militantes pró-russos, depois de estes terem protagonizado momentos de violência na região do leste.

#### 25 MAIO

Eleições presidenciais na Ucrânia dão a vitória a Petro Poroshenko. A maior parte das assembleias de voto no leste não abrem. Conflito militar prossegue.

#### 25 JUNHO

Início de cessar-fogo proposto por Poroshenko. Dura uma semana.

#### 27 JUNHO

Ucrânia assina acordo de associação com União Europeia.

#### 17 JULHO

Avião da Malaysia Airlines cai em território ucraniano, provavelmente abatido.

#### 30 JULHO

UE aplica sanções económicas fortes à Rússia. Rússia responde com embargo a todas as importações europeias.

#### 22 AGOSTO

Comboio humanitário russo entra em território ucraniano sem autorização.

#### 27-28 AGOSTO

Rebeldes abrem novo corredor e conquistam Novoazovsk, perto do mar de Azov. Poroshenko acusa Rússia de enviar tropas e de ter levado a cabo uma invasão.

#### 31 AGOSTO

Vladimir Putin fala na importância de discutir "o Estado" no leste ucraniano.

#### 3 SETEMBRO

Putin apresenta um plano de paz para a região. No dia seguinte, Poroshenko admite assiná-lo e começar um cessar-fogo.

Depois de uma semana de avanços e recuos sobre o cessar-fogo na Ucrânia, Petro Poroshenko acabou por chegar a acordo com os separatistas na sexta-feira, enquanto decorria a cimeira da NATO. As negociações continuam, já que os ucranianos querem discutir o plano de paz proposto pelo Presidente russo, Vladimir Putin.

Os rebeldes são claros: "Prendemos continuar a ação na guerra da Geórgia, de 2008. A vontade georgiana de viragem a ocidente, com a 'revolução rosa' a marcar este percurso, foi entendida na Rússia com desconfiança", explica ao Expresso Maria Raquel Freire, investigadora do Centro de Estudos Sociais. Para impedir uma aproximação ao Ocidente, a Rússia decidiu intervir militarmente na Geórgia invocando o argumento da defesa da independência da Abecásia e da Ossétia do Sul. A situação tem paralelos com a tomada da Crimeia: tanto na Ucrânia como na Geórgia houve um envolvimento militar para defender os *sootchestvenniki* (compatriotas). Ainda na semana passada Putin dizia que ucranianos e russos são "praticamente o mesmo povo."

Um "paradoxo evidente" Isso não significa que a Rússia respeite o direito à autonomia de todos os grupos étnicos nas suas fronteiras. "Existe um paradoxo evidente", diz Tiago Lopes. "O Cáucaso Norte tem uma série de grupos étnicos que pugnam por um desejo de autonomia alargada ou total soberania. Apesar do caso tchetcheno ser o mais mediatizado, está longe de ser o único", realça o investigador, destacando os circasses, os carachaios-balcares e grupos do Daguestão. Raquel Freire expôs a contradição dizendo que os casos da Geórgia e da Ucrânia são exceções na "posição assumida

### Um "paradoxo evidente"

de potência soberanista" da Rússia. E essa postura que tem levado ao esmagamento dos movimentos separatistas no Cáucaso Norte, onde a Tchetchênia é o caso mais mediático. Esta semana assinalaram-se os dez anos do sequestro da escola de Beslan, em que separatistas tchetchenos ocuparam uma escola na Ossétia do Norte e tentaram negociar a libertação de reféns em troca da independência. O evento é "traumático" para a Rússia, segundo Lopes, pois provou que o Cáucaso Norte — uma região importante para Putin, que chegou ao poder graças ao seu sucesso na segunda guerra russo-tchetchena — é uma situação ainda não controlada. No final de 2013, o espectro do terrorismo da região voltou, com os ataques em Volgogrado a propósito dos Jogos Olímpicos de Sochi. Enquanto países como a Bielorrússia

e a Arménia continuam sob uma influência relativamente autónomas e mais próximas de Moscovo, outro estão divididos. A Moldova atravessa uma situação semelhante à da Ucrânia, tendo assinado um acordo de associação com a União Europeia em finais de junho, razão pela qual Moscovo restringiu as suas importações. O país depende comercial e energeticamente da Rússia e tem uma grande influência cultural, com mais de 300 escolas de língua russa. Em novembro, haverá eleições parlamentares.

Como se não bastasse, o país tem duas regiões relativamente autónomas e mais próximas de Moscovo. São a Transnístria, com um estatuto especial legal concedido pelo Governo, e a região autónoma da Gagáuzia. A primeira tem mais de mil tropas russas estacionadas no seu terreno e pediu uma anexação semelhante à da Crimeia em março; os líderes da segunda, bem mais pequena, criticam o acordo de associação com a UE e preferem uma ligação à Rússia.

### Cenário exagerado

"Várias vezes foi levantada a questão ao longo dos últimos meses se a Transnístria seria o próximo passo num curso revisionista com carácter expansionista russo", explica Raquel Freire. "Este cenário parece-me exagerado e, desde que Moscovo mantenha a sua influência na região, ou seja, sem ameaça de alteração do *statu quo*, isso será o bastante para que a situação se mantenha sem alterações de maior". Apesar de tudo, os especialistas contactados pelo Expresso consideram que se deve manter elevada a atenção à região. Uma maior aproximação ao Ocidente, como a oferecida pela NATO na passada sexta-feira, pode alterar por completo o xadrez da Europa pós-soviética, tal como aconteceu na Ucrânia.

